

Pesquisa Clínica do Instituto altera protocolos para manter atividades na pandemia

No contexto da pandemia de Covid-19, a Pesquisa Clínica do INCA precisou alterar seus protocolos e a rotina de trabalho para garantir a segurança de todos os envolvidos, mas conseguiu dar continuidade à produção de conhecimento. A afirmação é de Andreia Melo, chefe da Divisão de Pesquisa Clínica e Desenvolvimento Tecnológico do Instituto.

Recentemente, a pesquisadora foi selecionada pela Academia Nacional de Medicina (ANM) para participar do Programa de Jovens Lideranças Médicas, que existe desde 2014 e tem o objetivo de estimular um ambiente de criação e implementação de ideias transformadoras para a medicina brasileira. Os médicos escolhidos participarão das discussões e das atividades acadêmicas e atuarão na geração e viabilização de ações inovadoras no âmbito da ANM.

Em 2020, a médica foi uma das contempladas no Programa Para Mulheres na Ciência, promovido pela L'Oréal Brasil, em parceria com a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) no Brasil e a Academia Brasileira de Ciências (ABC), com o objetivo de transformar o cenário científico por meio do empoderamento feminino na área.

Como está a pesquisa clínica no INCA neste momento de pandemia?

Houve uma queda na proposta de novos estudos, de participantes e de recursos. Ainda estamos fazendo o balanço de 2020, até para comparar com 2019 e saber o impacto dessa diminuição. Contudo, mesmo com todas as dificuldades, a pesquisa clínica do INCA conseguiu manter seu trabalho.

Pode citar alguns exemplos de medidas que foram tomadas?

Desde que essa situação começou, em março, nós priorizamos a segurança de todos que participam da pesquisa clínica. O uso de máscara se tornou obrigatório. A equipe passou a se revezar. Parte ficava em casa e a outra trabalhava de forma presencial. Quem apresenta sintomas gripais é afastado. Abriu-se a possibilidade de entrega dos medicamentos usados em alguns estudos diretamente nas residências dos pacientes, em vez de eles irem até o INCA, tudo em comum acordo com patrocinadores e aprovado pelas agências regulatórias.



Andreia Melo foi selecionada para participar do Programa de Jovens Lideranças Médicas, da Academia Nacional de Medicina

Quando é necessário o participante da pesquisa ir até o Instituto, buscamos realizar todos os procedimentos num dia só. No dia anterior, ligamos para saber se o paciente está com sintomas gripais. Estamos assistindo de novo ao aumento da mortalidade por Covid-19, então precisamos continuar com os cuidados.

Ainda é difícil para as mulheres optarem pela carreira de pesquisadora?

Não acho que seja uma questão de gênero, mas de perfil. Acredito que é mais uma situação de gostar do que se faz, no caso, da pesquisa clínica. Não é uma carreira para todos. A pesquisa clínica requer muita dedicação e exige que o profissional seja detalhista. Lógico que as mulheres enfrentam problemas de desigualdade de gênero em vários segmentos da sociedade. É uma realidade que aos poucos está mudando, mas ainda existe. No INCA, nós trabalhamos para ajudar na transformação desse cenário e para fazer da instituição um lugar de ponta na pesquisa.

O que representou para a senhora e para o INCA a sua seleção pela Academia Nacional de Medicina para participar do Programa de Jovens Lideranças Médicas?

Tem uma importância muito grande. Diversos médicos que se notabilizaram na área da saúde passaram pela Academia. Por isso, está sendo uma grande honra. É um prêmio tanto para mim quanto para o INCA. Sinto como se estivesse retribuindo a essa instituição que me acolheu desde a minha residência, em 2006, até hoje.